

CONSIDERAÇÕES PARA UM ENSINO DE FILOSOFIA DO CUIDADO DE SI⁴⁴

Antônio Alex Pereira de Sousa*
Paulo Venício Braga de Paula*

Resumo: o artigo apresenta sugestões para que o ensino de Filosofia no Ensino Médio possa se aproximar do que chamamos de um ensino para o cuidado de si. A partir da leitura foucaultiana do cuidado de si e de entrevistas realizadas com professores de Filosofia da etapa final da Educação Básica, tecemos algumas considerações para que instâncias e atores diversos da sociedade, que são responsáveis pela educação formal, possam fomentar uma educação, especialmente no que se refere ao ensino de Filosofia, que forme integralmente os discentes brasileiros.

Palavras-chave: Cuidado de si; Ensino de Filosofia; Ensino Médio.

CONSIDERATIONS FOR IS CARE PHILOSOPHY EDUCATION

Abstract: The article presents suggestions so that the teaching of philosophy in high school can approach what we call a teaching for self-care. From the Foucaultian reading of self-care and interviews with Philosophy teachers of the final stage of Basic Education, we make some considerations so that different instances and actors of society, which are responsible for formal education, can foster an education, especially in the field. which refers to the teaching of philosophy, which fully forms the Brazilian students.

Keywords: Take care of yourself; Philosophy teaching; High school.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Filosofia na etapa final da Educação Básica vem se mostrando um fecundo espaço para a reflexão de problemas filosóficos e educacionais. As considerações deste texto, por exemplo, surgiram de um trabalho de pesquisa a nível de mestrado que teve por objetivo refletir a possibilidade do cuidado de si, conceito

⁴⁴ O presente artigo é espelhado em parte da pesquisa de mestrado realizado por Antônio Alex Pereira de Sousa, no programa de pós-graduação profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, que teve como orientador o professor Dr. Fernando Ribeiro de Moraes Barros.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, Professor de Filosofia do Ensino Médio na rede estadual de educação do Ceará (SEDUC/CE) e Professor de Filosofia na Faculdade Ratio. E-mail: alexsousa.filosofia@gmail.com.

* Mestre em Planejamento em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Informática Educativa pela Universidade Estadual do Ceará, Especialista em Administração Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UEVA. Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual do Ceará. Professor de Nível Superior de cursos de Graduação e Pós-Graduação. Professor da Rede Pública do Estado do Ceará. E-mail: pauloveniciobg@gmail.com.

analisado por Michel Foucault em seus últimos cursos e obras⁴⁵, como meio para pensar a Filosofia no Ensino Médio.

Das diversas ideias importantes para o desenvolvimento da pesquisa, citamos as de cuidado de si, mestre do cuidado e práticas de si. O cuidado de si (*epiméleia heautoû*)⁴⁶ pode ser entendido como a incitação feita pelo mestre do cuidado para que o discípulo pudesse ter cuidados consigo mesmo, podendo ser entendido, também, como um

“ocupar-se consigo mesmo”, “ter cuidados consigo”, “retirar-se em si mesmo”, “recolher-se em si”, “sentir prazer em si mesmo”, “buscar deleite somente em si”, “permanecer em companhia de si mesmo”, “ser amigo de si mesmo”, “estar em si como numa fortaleza”, “cuidar-se” ou “prestar culto a si mesmo”, “respeitar-se”, etc. (FOUCAULT, 2014a, p. 13.)⁴⁷

Para que essa incitação fosse realizada, os mestres do cuidado lançavam mão de práticas que levavam os discípulos a ter esses cuidados consigo mesmo. O mestre tem esse estatuto, saber ensinar os outros a cuidar de si mesmos, justamente por aplicar a si mesmo essas práticas que os levavam a domínio de si característico da *epiméleia heautoû*. Entre elas estão a meditação, a escrita, o silêncio, a abstinência, o uso da fala franca etc. Em nossa pesquisa, trabalhamos com duas práticas que concluímos ser as mais utilizadas pelos professores de Filosofia no Ensino Médio, a escrita e a fala. Assim, deslocamos os conceitos de escrita de si e *parresia* (fala franca), para pensar a prática docente dos filósofos que ensinam na Educação Básica.

⁴⁵ *Subjetividade e Verdade* (2016), curso de 1980-1981; *A Hermenêutica do sujeito* (2014b), curso de 1981-1982; *O governo de si e dos outros* (2010), curso de 1982-1983; *A coragem da Verdade* (2014a), curso de 1983-1984; *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres* (2009); *História da sexualidade 3: o cuidado de si* (2014c).

⁴⁶ O termo *epiméleia heautoû*, que na tradução realizada por Michel Foucault significa ter cuidados para consigo, é utilizado por ele, inicialmente, nos seus cursos ministrados no Collège de France. No curso de 1983-1984, intitulado *A coragem da Verdade* (2014a), o termo *epiméleia heautoû* é menos utilizado que nos cursos dos anos anteriores e a análise da obra prioriza a *parresia* em Sócrates e nós filósofos helenísticos, especialmente os cínicos. Uma das traduções presentes no dicionário grego-francês de Bailly, *Dictionnaire Grec Français* (2000), traduz o termo *Epimeleia* (ἐπιμέλεια) por surveillance, gouvernement e administration (p. 339) que, respectivamente, poderia, de forma geral, ser traduzido por fiscalização, governo e administração; já o termo *Heautoû* (εαυτοῦ) é traduzido por de soi-même, à soi-même e soi-même (p. 239) – entre outras -, que podem ser compreendidas, dentro de cada contexto, como si mesmo. Essa tradução se aproxima, semanticamente, da presente na obra *Léxico do Novo Testamento – Grego/Português* (2005), de Wilbur Gingrich e Frederick Danker, que traduz *Epimeleia* (ἐπιμέλεια) por cuidado e atenção (p.82).

⁴⁷ Para Foucault, esses termos foram ressignificados pelo cristianismo medieval, passando a ser entendido como um incentivo a um individualismo exacerbado, argumento utilizado para desqualificar o cuidado de si. Para mais, ver a aula de 6 de janeiro de 1982 (FOUCAULT, 2014a) e a entrevista *A ética do cuidado de si como prática de liberdade* (FOUCAULT, 2012a, p. 264), como também na obra de Muchail (2011).

Partindo dessa compreensão de cuidado de si e entendendo que as características desses mestres do cuidado, como Pitágoras, Sócrates, Platão, Sêneca, Marco Antônio, Epicuro, Diógenes de Sínope e outros, poderiam ser deslocadas para pensar a prática de docentes de Filosofia do Ensino Médio no presente, pontuamos algumas considerações que, se atenta por aqueles as analisam, poderiam ser meios para uma elevação do seu nível de ensino e para um aprendizado significativo, deste importante saber, pelos discentes secundaristas.

Lançando mão das informações obtidas no processo de pesquisa bibliográfica, especialmente das obras de Michel Foucault, e de entrevistas realizadas com os docentes e vivências do professor de filosofia pesquisador, apresentaremos algumas questões para que o ensino de filosofia, num futuro próximo, possa se realizar por outras formas, na qual o cuidado de si seja uma possibilidade. As entrevistas foram desenvolvidas com docentes de escolas públicas do Ensino Médio, nas quais seguiram o modelo semiestruturado, que parte de perguntas objetivas, mas com possibilidade de criação de novas que surgem no decorrer da entrevista (JUNIOR, 2011), dando um teor mais volátil.

Segue, então, sugestões extraídas das falas dos docentes entrevistados acerca de atores diversos responsáveis por fazer a educação, como a Universidade, a Secretaria de Educação, as gestões e os docentes, principalmente os de Filosofia, para que um ensino para o cuidado de si, termo que pensamos ser adequado para uma pensarmos uma formação integral e ética, que dê autonomia aos estudantes, possa ser realizado.

2. NAS UNIVERSIDADES

A Universidade é uma instituição que trabalha com especialização, mas daquela que ela forma é exigido ministrar conteúdos gerais. Essa paráfrase da fala de um dos professores entrevistados mostra, superficialmente, o possível descompasso que há entre a formação dos professores de filosofia nas Universidades do Ceará, quiçá no Brasil, e a prática docente dos professores na educação básica. Partindo dessas e de outras questões observadas durante a pesquisa, sugerimos algumas reflexões que os curso de licenciatura em filosofia devem realizar para que a formação dos futuros professores possa atender as demandas escolares.

- Projeto Pedagógico (PP): é necessário que as licenciaturas em filosofia realizem uma profunda reflexão dos seus objetivos e das suas estruturas, que passa por uma revisão curricular articulada com uma reelaboração do PP dos cursos revendo suas estratégias e a especificidade da licenciatura em relação aos cursos de bacharelado em filosofia. Em decorrência de muitas faculdades e universidades oferecem, com o mesmo quadro de docentes, bacharelado e licenciatura em filosofia, muitos dos professores ministram suas aulas não priorizando a licenciatura, já que a forma de ensinar na universidade está relacionada, diretamente, com a forma de pesquisa do bacharelado, que se caracteriza por uma especialização de estudo de temas filosóficos, deixando em segundo plano as questões pertinentes a formação do professor de filosofia. Essa questão dificulta a criação de um projeto coeso e coerente que atenda a especificidade do curso de licenciatura em filosofia. Junto a isso, é necessário que todos os professores do curso participem desse processo, pois, além se colocarem como participantes do processo, precisam rever sua cultura de ensino que relega o ensino a segundo plano na formação;
- Formação: os professores da licenciatura em filosofia devem refletir e rever seu papel na formação de professores para o ensino médio. Um espaço para isso é a semana pedagógica de cada curso, mas também o trabalho e esforço individual de cada professor. Essa reflexão deve estar inicialmente, como acima apresentamos, na criação de um novo currículo ou PP dos cursos, mas cada professor deve refletir sobre seu papel e sua especificidade dentro do processo de formação do professor de filosofia para a educação básica. Neste processo, é importante que os cursos priorizem na lotação das disciplinas chamadas pedagógicas, como práticas de ensino e estágios, professores que tenha pesquisa na área, pois o que geralmente ocorre é a lotação, para essas disciplinas, de docentes que pesquisam conteúdos estritamente filosóficos, deixando para segundo ou terceiro plano questões específicas para a formação dos professores de filosofia. Outra questão que deve ser refletida pelas licenciaturas é o ensino de “novas” competências exigidas dos professores do Ensino Médio e citadas de forma indireta em várias entrevistas, como habilidades com a oratória, expressão corporal, equilíbrio emocional, criatividade etc. Com isso, os cursos universitários devem criar novas disciplinas que atendam essa demanda, decisão mais adequada, pois se tornaria parte da cultura

dos cursos, ou fazer parcerias com outras instituições, que consideramos não adequadas, pois as colocaria como de menor importância na formação dos professores, competências que são exigidas nas salas de aula da educação básica no Brasil, principalmente nas escolas públicas;

- Pesquisa: mesmo com a legislação brasileira definindo que os cursos de licenciatura em filosofia devam, exclusivamente, formar professores, e não pesquisadores⁴⁸, o cenário atual exige que os professores criem formas novas de docência, e a pesquisa se apresenta como um dos meios mais eficazes para que isso aconteça. Desse modo, é na universidade que se deve iniciar o fomento à pesquisa. Os professores das licenciaturas devem, para isso, realizar pesquisas sobre ensino de filosofia que, não necessariamente, seja sobre o ensino médio, mas também sobre seu ensino no próprio nível superior. É nesse vácuo, por exemplo, que surgiu o grupo de trabalho (GT) da ANPOF Filosofar e Ensinar Filosofia, no qual professores universitários discutem sobre o ensino de filosofia. Essa tese que defendemos não afirma que os professores devam enviar suas pesquisas ou participar do GT citado, mas é um exemplo que contempla a fala aqui proposta. Ora, sabemos que a especialização é uma característica da Universidade, e que a maioria dos professores desenvolvem pesquisas em torno de um pensador, um tema ou um período, como a filosofia medieval, antiga etc. Para que os estímulos a pesquisa sobre o ensino de filosofia pelos professores universitários ocorram é preciso incentivo e fomento, financeiros, acadêmicos, ético etc. Pensamos, assim, que o ensino de filosofia passaria a ser um objeto de pesquisa dos docentes das licenciaturas em filosofia e, conseqüentemente, dos seus alunos de graduação, já que apresentando suas pesquisas estimulariam os futuros professores a também realizarem. Uma mudança nesse sentido afetaria, diretamente, o modo como os professores universitários veem sua prática pedagógica, tendo efeitos diretos no modo ensinar filosofia nas salas de aula da educação básica.

⁴⁸ Os cursos deverão formar bacharéis ou licenciados em Filosofia. O bacharelado deve caracterizar-se principalmente pela pesquisa, em geral direcionada aos programas de pós-graduação em Filosofia, bem como ao magistério superior. A licenciatura, a ser orientada também pelas Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica em cursos de nível superior, volta-se sobretudo para o ensino de Filosofia no nível médio. Ambos os cursos devem oferecer substancialmente a mesma formação, em termos de conteúdo e de qualidade, organizada em conteúdo básicos e núcleos temáticos. (BRASIL, 2001, p. 4)

Os cursos de licenciatura em filosofia, assim como os cursos de formação de professores em geral, precisam estar antenados a todas as transformações que passa a educação básica, pois se o objetivo de um curso é formar pessoas para atender essa demanda específica, deve-se observar o que ela necessita. No caso do ensino de filosofia, argumentamos que os futuros professores deste saber não devem ser formados somente para ensinar a teoria de cada filósofo, dando uma importância singular a questão do conteúdo. Se assim continuar, a educação básica continuará a passar por reformas e o ensino superior continuará caminhando, como muitos casos, por estradas que não serão as mesmas dos futuros professores da educação básica e ensinará caminhos que nunca olharam se chega ao sugerirá meios que não são eficientes para se chegar ao ponto definido. É urgente que as licenciaturas em filosofia pensem, de forma próxima, o que a escola necessita para, com isso, pensarem suas formas de se organizar, formar e pesquisar. Isso envolve, além das questões citadas acima, um diálogo com várias instâncias externas a universidade, como as secretárias de educação e os professores que estão no chão da escola.

NAS SECRETÁRIAS DE EDUCAÇÃO (SEDUC'S)

Nas entrevistas que realizamos com os professores de filosofia do Ensino Médio que trabalhavam rede pública do estado do Ceará, não fizemos questionamento que envolvessem, diretamente, a Secretaria de Educação (SEDUC). Entretanto, das questões colocadas por eles, principalmente as relacionadas com a questão da formação, pontuaremos algumas que devam ser objeto de atenção das pastas estatais responsáveis pela educação.

- **Segurança Jurídica e Proteção:** as SEDUC's devem fomentar uma segurança jurídica para os professores de filosofia quanto a permanência, mesmo com a reforma do Ensino Médio⁴⁹, de um currículo que atenda a formação filosófica básica dos estudantes do Ensino Médio. Desse modo, não seria possível que um contexto específico ou argumentos questionáveis, como a falta de verba para manter determinados professores, sejam justificativas para retirada de um saber tão importante na formação dos estudantes secundaristas. Junto a isso, é importante que as secretarias apoiem, estimem e dialoguem com instituições

⁴⁹ BRASIL, 2017.

que tenham práticas ou iniciativas de apoio ao ensino de filosofia, como aquelas que incluíram em seus vestibulares conteúdos de filosofia e criam eventos acadêmicos sobre o tema⁵⁰;

- Formação Continuada: um dos papéis das SEDUC's é possibilitar e fomentar a formação continuada de professores⁵¹, que deve atender as necessidades pedagógicas dos professores, dos estudantes e das escolas. Os estados já têm experiências e práticas diversas quanto a isso⁵², mas algumas podem contribuir com uma prática de ensino mais eficiente e estimule os docentes a criarem práticas pedagógicas inovadoras. Ora, a pouco sugerimos que a Universidade deve observar as novas habilidades que são exigidas dos professores no Ensino Médio, como a oratória, a expressão corporal, equilíbrio emocional e criatividade. A Instituição de Ensino Superior deve ser o lugar de ensino dessas questões, mas ela atende, prioritariamente, aqueles quem adentram nos cursos de licenciatura, não os professores que já estão na sala de aula. Neste vácuo é que as SEDUC's devem criar formações que atendam a demanda dos docentes, pois eles não estão mais dentro da academia:
- Estímulo à Pesquisa: as SEDUC's devem fomentar que seus professores sejam, também, pesquisadores, pois essa prática modifica o modo do docente ensinar e o estimula a criar estratégias pedagógicas. Esse estímulo pode se dar, primeiramente, no aumento nos ganhos salariais, o que envolve, especialmente, a criação de um Plano de Cargos e Carreiras (PCC) bem estruturado e constantemente atualizado, o que não ocorre em vários estados brasileiros. No estado do Ceará, por exemplo, a ascensão profissional horizontal, que não se dá pela realização de cursos *stricto* ou *lato sensu*, tem como pontuação a participação em eventos acadêmicos e publicados de artigos em revistas científicas, e a própria SEDUC criou uma revista onde os docentes do Ensino

⁵⁰ O curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará realizou no ano de 2018 um evento em parceria SEDUC/CE – I Encontro Metropolitano dos Professores de Filosofia - que levou professores da rede para participarem de evento onde e discutiu o ensino de filosofia.

⁵¹ Art. 62 (BRASIL, 1996)

⁵² A secretaria de educação do estado Ceará conta com a experiência do Centro de Educação a Distância (CED), que oferece formação continuada para seus docentes e discentes.

Médio possam publicar artigos⁵³. As SEDUC's, com esse exemplo, devem estimular e informar diretamente aos docentes através de seus gestores, meios e recursos digitais, como e-mails, torpedos e mensagens, para que os docentes se sintam estimulado a pesquisar, pois grande parte dos professores de rede básica, que trabalham, muitas vezes, com a repetição e desenvolvimento de atividades burocráticas, se distanciam e não olham com importância a pesquisa e a formação continuada. As secretarias devem estimular, também, meios de permanência dos professores nos cursos de pós-graduação, principalmente nos novos mestrados profissionais *stricto sensu*. Em vários estados os professores não têm horas liberadas para poderem realizar suas pesquisas nestes tipos de mestrado. No estado Ceará, por exemplo, mesmo em um contexto diferenciado, o professor deve escolher entre passar 120 dias com 50% da carga horária reduzida ou 60 dias com 100% fora da sala de aula, enquanto professores que estão nas pós-graduações acadêmicas tem 100% de suas horas durante toda a realização do curso⁵⁴. Se as pesquisas nos mestrados profissionais contribuem, diretamente, com o contexto escolar, por que a liberação para sua realização é diferente? Isso não é um argumento para reduzir o tempo de liberação do professor para a realização um mestrado ou doutorado em pós-graduações a nível acadêmico, mas é necessária uma reflexão para as tornar equitativas e evitar problemas futuros, como a saúde dos professores, e potencializar a criação de boas pesquisas. Além disso, as SEDUC's devem estar atentas a demanda que o meta 16 A do Plano Nacional de Educação (PNE) colocou para ser cumprida até 2024⁵⁵, que prevê no mínimo 50% dos professores da educação básica com pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*.

As Secretarias estaduais de educação dos estados, bem como das instâncias municipal e federal, devem fortalecer seus sistemas e buscar meios para transformar as escolas em espaços de formação integral e possibilitar aos professores que tenham, no

⁵³ A secretaria de educação do estado do Ceará conta a experiência da revista Docentes, onde artigos sobre ensino, principalmente dos professores da rede, são publicados. Para mais, acessar o site: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/index.php/revistadocentes/issue/view/8>

⁵⁴ CEARÁ, 2000.

⁵⁵ BRASIL, 2015. Até o momento, a percentual de professores pós-graduados no Brasil estava em 30,2%, como diz o site do Governo Federal. Acesso: 24/02/2019. Site: http://simec.mec.gov.br/pde/grafico_pne.php

decorrer de sua vida profissional, formação continuada que ressoe dentro da sala de aula. Para isso, elas devem conhecer a realidade de cada disciplina e estabelecer uma rede que possa suprir as necessidades dos professores, especialmente os de filosofia. É fato que, muitas das questões acima pontuadas, não são exclusivas da filosofia, com exceção da matemática e português, as duas disciplinas que são obrigatórias segundo o Novo Ensino Médio. Essa preocupação aumenta quando se refere a uma disciplina como a filosofia que, historicamente, tem saídas e retornos dos currículo da educação básico e sofre com a falta de pesquisa, desconhecimento e preconceito. É papel das SEDUC's, desse modo, criar mecanismos para a permanência e o fortalecimento do ensino de filosofia dentro do espaço escolar.

NAS ESCOLAS E COM OS PROFESSORES

Apresentamos, nos três primeiros tópicos deste capítulo, questões gerais sobre o ensino de filosofia em torno da figura do professor e do estudante, bem como do uso da fala e da escrita pelos docentes. Mesmo com os exemplos e as reflexões sobre vários pontos, sugeriremos algumas questões para que os professores de filosofia no Ensino Médio planejem suas aulas no sentido de uma formação em filosofia para o que chamamos de cuidado de si.

- Práticas: os professores de filosofia devem observar que a constituição de uma subjetividade, na qual o indivíduo tem um domínio de si mesmo, necessita passar por exercícios que se exerçam sobre si mesmo, como a fala (*parresia*) e a escrita de si, e que fomentem a transformar da sua subjetividade através da reflexão sobre a verdade, na qual os sujeitos tenham uma atitude ativa diante do processo de aprendizagem. Neste processo de subjetivação de si a memória se apresenta como uma faculdade humana importante, mas não basta para que o cuidado de si se realize, já que uma formação através de estratégias que confie, única e exclusivamente, à memória sua realização não garante a constituição de um domínio de si que é base para uma ética. Nesse contexto, encontra-se a crítica defendida nesta pesquisa acerca do modo conteudista de ensinar filosofia, pois seguir a história da filosofia ou a escolha de temas como norte para as aulas de filosofia é, na maioria das vezes, confiar à memória a maior responsabilidade no processo de subjetivação.

- Planejamento: em muitos momentos deste terceiro capítulo frisamos a importância da visão estratégica em torno do planejamento das aulas de filosofia, pontuando a importância do conceito de prova de verdade, como entendida por Foucault nas suas obras sobre o cuidado de si. É preciso que o professor crie práticas de si que proporcionem ao discente provar a verdade filosófica que está sendo levada pelo professor. Isso se relaciona com a crítica a lógica conteudista de ensino de filosofia, como citamos acima, que afirma o processo de filosofar do aluno como consequência da aquisição de conteúdos básicos a sua formação. A lógica do cuidado exige uma outra forma de organização que tenha a existência como ponto de partida e as práticas de si como instrumentos para a constituição da subjetividade. Essa visão estratégica acerca do ensino pode suscitar um entendimento distorcido em torno da nossa compreensão de um ensino de filosofia para o cuidado de si, já que poderia ser tornar um exercício de poder que discipline o estudante. Contudo, como citamos no segundo capítulo, a liberdade é a condição de possibilidade para a existência de um *êthos*, e o ensino para o cuidado parte desse princípio que se contraria a uma docência que disciplina e anula as liberdades. O cuidado de si potencializa a liberdade através das práticas de verdade, e não a reduz. Para que isso se realize, é preciso que o professor planeje sua prática pedagógica com vista a maximizar a liberdade do docente, e não exercer um poder que a diminua.
- Criatividade: o professor de filosofia tem que usar a criatividade, não no sentido neoliberal que a palavra passou a ter, mas no sentido da criação de novos meios e exercícios para que haja uma prova de verdade e fomente uma subjetividade outra nos discentes do Ensino Médio. Como observamos nos tópicos dois e três deste capítulo, a criação de novas formas de ensinar, através de instrumentos conhecidos, como a fala e a escrita, surgem como meios reais para a criação de práticas pedagógicas que estimulem a constituição de uma subjetividade ética e resistente.
- Métodos: a busca por um método de ensino, em qualquer disciplina, é algo que exige, além de uma reflexão teórica que justifique as etapas a serem seguidas, uma experimentação que comprove sua eficácia. Essa relação teoria/prática, tão

presente no método científico, deve ser, também, um elemento primordial no ensino de filosofia que propomos neste trabalho, pois compreendemos que ela deva partir de problemas existenciais. Neste contexto, é necessário entender que partir de problemas não se confunde com uma mera contextualização, já que este seria o deslocamento de uma questão conceitual para uma situação real do presente, o que muitas vezes não se consegue fazer, pois nem todo conteúdo é, nesse sentido, passível de contextualização. Assim, um método, seja ele qual for, deve problematizar, desde seu início, o presente e a vida real dos sujeitos. Junto a isso, um método que se aproxime de um ensino para o cuidado de si deve ter na relação discente/docente um pilar, já que o cuidado dos outros terá na relação de amizade uma potência única; não basta ensinar um conteúdo, é preciso uma relação diferenciada que mostre ao outro como cuidar de si mesmo, e ensine como relacionar o agir e o pensar para que vida se torne ética. O método deve ter, em seu processo, exercícios de si que proporcionem ao discente provar a verdade, pois, do contrário, o ensino de filosofia corre um sério risco de ser um contedismo deslocado da realidade. Dos diversos métodos analisados, a pedagogia do conceito de Sílvio Gallo se aproxima da nossa ideia de ensino de filosofia para o cuidado, pois, ao final da prova de verdade, o aluno terá conseguido chegar à criação de um conceito.

Todas essas sugestões devem ser pensadas junto ao problema das condições que o professor de filosofia está submetido para realizar seu trabalho. A formação, a carga horária, a quantidade de turmas, a quantidade de alunos, o preconceito, a falta de uma identidade no histórico escolar, são questões que dificultam o ensino de filosofia na educação básica. Por isso, o filósofo que é professor no Ensino Médio deve estar preparado e atento as questões acima pontuadas para que tenha os efeitos desejados de um ensino de filosofia, e, com isso, mostrar para a sociedade que a filosofia é um saber necessário para a formação dos estudantes secundaristas do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas instituições que se relacionam com o ensino de Filosofia, como a escola, a universidade e as secretarias de educação, necessitam a todo momento refletir sobre suas práticas, verificando as prioridades, seus objetivos e a relação que deve

estabelecer entre si. Deste modo, buscamos apresentar questões importantes para que o ensino, especialmente de Filosofia, possa ser fomentado no sentido de constituir subjetividade éticas. Assim, um ensino para o cuidado de si, mote para o desenvolvimento da presente pesquisa, potencializa-se com as orientações sugeridas.

Para que o ensino de Filosofia, componente curricular que historicamente luta por espaço no currículo do Ensino Médio, possa ser fortalecido continuamente, se faz necessário, além de uma preocupação com as práticas, os métodos, a carga horária etc., ações que se aproximam de uma ideia de política pública, como as que sugerimos acima, fortalecem em outros campos o ensino em geral, mas especialmente a Filosofia, já que é um saber que rapidamente se apropria de novas práticas pedagógicas. O ensino de Filosofia no presente necessita, assim, para que fomenta um ensino para o cuidado de si, estar relacionado com outras instâncias da sociedade, como a universidade, as secretarias de educação e as escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILLY, Anatole. *Le Grand Bailly - Dictionnaire Grec – Français*. Paris: Hachette, 2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Parecer 492/2001** - Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Brasília, 2001.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 – Estabelece a Lei do Novo Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 fev, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Parte IV: Ciências Humanas e suas Tecnologias. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas - volume 3**. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação: PNE 2014-2024**. Brasília, 2015.

CEARÁ. DECRETO Nº25.851 - Disciplina os afastamentos de servidores públicos estaduais para fins de realização de estudos pós-graduados. **Diário Oficial do Estado**, Fortaleza, 12 abr, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução, Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade In: _____ **Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: curso dado no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014c.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: editora Martins Fontes, 2016.

GINGRICH, Wilbur; FREDERICK, Danker. **Léxico do Novo Testamento: Grego / Português**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2005.

JUNIOR, Oriomar Skalinski. Técnicas de entrevista e sua aplicação em pesquisas científicas. In. TOLEDO, C; GONZAGA, M. (Org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011. p. 173-202.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, mestre do Cuidado: textos sobre A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.